

GT - DIREITO E DESENVOLVIMENTO
Modalidade da apresentação: Comunicação oral

COMO ESCREVER O SILÊNCIO: relações e omissões do estupro no livro “o abraço” de Lygia Bojunga Nunes

Antônio Uemerson de Carvalho

RESUMO

Este artigo realizou uma análise jusliterata, investigando o silêncio da vítima com base na obra “O Abraço” foi possível constatar que o abuso pode deixar muitos traumas que superam a simples racionalidade, e as marcas da relação íntima perduram durante a vida, sendo a omissão do acontecimento uma forma de abrandar o trauma, a obra aponta as a fragilidade da vítima, mas destaca a importância da manifestação da mesma para evitar a repetição do crime. O abrandamento do trauma, por meio da omissão, subnotifica a sua ocorrência, ao mesmo tempo em que promove um relativo conforto, perpetua a impunidade penal e reprodução do crime.

Palavras-chave: Estupro. Estupro de vulnerável. jusliteratura.

1 INTRODUÇÃO

O estupro é um problema recorrente e atinge de diversas formas as vítimas, recorrente também é a sua manifestação como angústia artística, encontrando espaço nos mais diversos tipos de produção, inclusive na literatura. Esse tipo de manifestação é importante, uma vez que pode dialogar com o universo do leitor e conduzir a reflexão sobre experiências sofridas.

No livro “O Abraço” de Lygia Bojunga Nunes, podemos encontrar, numa linguagem infanto-juvenil, a temática do abuso sexual, encarando várias etapas referentes aos confrontos que a vítima tem ao longo da infância e juventude.

Este artigo busca fazer uma análise jusliterata da obra de Bojunga, realizando o exame dos recursos utilizados para condução narrativa do texto, quais problemáticas estão sendo levantadas em pauta e como elas evidenciam as razões do silêncio das vítimas, que por consequência geram um baixo número de denúncias criminais.

Ressaltando a importância da produção literária como objeto de estudo, por sua relação como reflexo da realidade.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho usa como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, visto que é fonte principal da literatura comparada, desse modo, elementos da produção de Bojunga serão analisados dentro de sua noção constitutivas de intenção textual mas também confrontadas com o levantamento acadêmico.

Segundo Gil (2002 p. 17) a pesquisa pode se definir "como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos". Desse modo, consideramos aqui um meio de sistematização do conhecimento que leva a inferir problemáticas e questionamentos. Para isso, levantamos parâmetros metodológicos, no caso dessa pesquisa a literatura comparada, um dos modelos ligados à pesquisa bibliográfica.

A metodologia bibliográfica, segundo Lakatos (2003) consiste em modelo de sistematização do conhecimento fundamentada na produção acadêmica existente, que compreende a) escolha do tema, b) elaboração do plano de trabalho c) identificação d) localização e) compilação f) fichamento g) análise e interpretação h) redação. Essas etapas dizem respeito a coleta e apuração da informação, na intenção de sintetizar conhecimento novo.

Elemento característico da produção de conhecimento não experimento/empírico, muito mais focada no apanhado de dados e validação do conhecimento existente em outras fontes através do cruzamento destas.

Como base de análise, usaremos o livro "O Abraço" (1996) da escritora Lygia Bojunga Nunes, narra a experiência de Cristina e seus confrontos com um estupro ocorrido em sua infância, muitos são os elementos levantados, a análise deste artigo irá se dividir em chaves temáticas, buscando dividir quais foram as implicações do estupro na infância, a sua passagem na adolescência e como ele reverbera na vida adulta. Apontando em todas essas etapas elementos que provêm o silêncio da vítima.

Faremos desse modo, uma pesquisa bibliográfica, de literatura comparada em perspectiva jusliterata, buscando como versa Fernandes (2015), não só a busca por representações jurídicas, mas a das múltiplas perspectivas literárias como forma de criticar e debater o mundo que cerca o Direito.

3 DESENVOLVIMENTO

A princípio, faz-se relevante considerar alguns elementos do estupro como ato e como crime a dignidade, cabe notar a busca pela liberdade sexual e direito a mesma, onde a relação íntima exige o discernimento e consentimento, o crime de estupro está previsto no artigo 213 e o estupro de vulnerável - menor de 14 anos - no artigo 217-A do código penal de 1940, será posto o texto da lei, no qual iremos recorrer durante as demais etapas do artigo, a fim de não pecar em demasiada repetição. O CP versa da seguinte forma:

Art. 213. Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso:

Pena - reclusão, de 6 (seis) a 10 (dez) anos

(...)

Art. 217-A. Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos:

Pena - reclusão, de 8 (oito) a 15 (quinze) anos.

(...) (BRASIL, 1940).

O código dá ao crime de estupro mais de um núcleo, abarcando diferentes modalidades de violência sexual ao mesmo tipo penal. Outro elemento pertinente ao trabalho é a pena mais gravosa quando diz respeito ao vulnerável, essas características indicam uma abertura do campo de proteção da lei, o que também abre maior margem interpretativa. Podemos ressaltar que o polo passivo e ativo pode ser de qualquer gênero e não é necessária a penetração para a caracterização do crime, contudo, de acordo com estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2014) estimam que as vítimas de estupro sejam 88,5% mulheres, e os agressores, sejam homens em mais de 90% dos casos. O que caracteriza o crime a uma realidade de gênero.

Estatísticas do anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2013) demonstram que o número estimado de mulheres que sofrem estupro, ou tentativas de estupro, gira em torno de 527 mil a cada ano, tendo o anuário subsequente admitido que, somando-se os casos não notificados, esse número dobra (FBSP, 2014).

Tipificado o crime e reconhecida as vítimas, observando o tamanho da violação que pode ser e o baixo número de denúncias o estupro deixa marca irreparáveis nas vítimas, mas paira gentil na varas penais, uma vez que o crime é cercado de tabus e preconceitos, como trata Coulouris (2004 p.2) "com a negativa do acusado, descaracterizando a denúncia da vítima, a investigação se deslocará da reconstituição do episódio para a reconstrução do comportamento pessoal dos envolvidos" de modo que o crime de estupro não se isenta de um julgamento moral, outro elemento de subnotificação já que vítima estuprada corre o risco de ser exposta e enquadrada em algum gênero de pervertida sexual ou vitimista, o que como alude Whisnant (2009) esconde as vítimas dos crimes por preferirem se incluir no grupo de mulheres socialmente aceitas, ou seja, as que não foram estupradas.

Essa renúncia ao crime, ainda se agrava se considerarmos as vítimas de abuso sexual infantil (ASI), de acordo com Martins (2010), estes estão envolvidos num "profundo pacto de silêncio" o que contribui para o desconhecimento da proporção da violência, agravado ainda pelo desconhecimento da vítima infantil a respeito do que lhes acontece, como o crime muitas vezes é intrafamiliar, a vítima se coloca numa lógica de abuso por fidelidade. Uma vez que o estupro pode ser facilitado pela confiança e pelos laços afetivos.

Mais especificamente do livro "O Abraço" de Bojunga, trata-se de um crime ocorrido na infância, o que ajuda na imersão do leitor no universo narrativo já que é um livro infanto-juvenil, é feito quase todo em um discurso narrativo em primeira pessoa, da protagonista Cristina, desse modo é a experiência das potências vividas por ela, o que torna o discurso carregado de parcialidade e deixa lacunas abertas a experiência sensível do leitor. Como podemos ver seguindo com a análise da obra.

3.1 A INFÂNCIA E O ABRAÇO

O livro inicia com um desabafo da vítima, que se propõe a contar a uma amiga tudo o que tinha vivido nos últimos anos - da infância até o fim da adolescência - passando do abuso sexual, aos 8 anos, até as relações traumáticas que seguiram essa. Bojunga escolhe uma forma muito particular de iniciar a ambientação do estupro, afirmando um alerta que os adultos deram a criança a respeito do rio que cercava a chácara onde estavam, "Já me avisaram para não entrar no rio. É perigoso, disseram, a água parece mansa, mas a correnteza é forte e te arrasta" Bojunga (2010 p.24) em seguida trata da chegada da figura criminoso e a maneira como a criança percebe o adulto se aproximar, "Mas primeiro eu vi ele na água, entende? Refletido na água, e por um instante (muito instante e muito forte) eu tive a impressão de que ele era um homem feito de água. Depois é que virei a cabeça. O homem da água estava me olhando com força. Bojunga (2010 p.25).

O estuprador é associado a água, "um homem feito de água" como o aviso dos adultos a criança, a água do rio pode não aparentar perigo, mas nela que se esconde o potencial de ferir, o mesmo aplicado ao homem de água, "ele não parecia assustador e estava vestido como milhões de homens se vestem" Bojunga (2010 p.25), garota diz ainda que ele a olhava com um feição que pairava entre o contentamento e a ternura."

Nessa passagem podemos verificar a intenção no texto de colocar o homem como qualquer outro, desmistificando a figura estereotipada do que seria um estuprador, lançando um paradigma do monstro e sua humanidade. Em seguida descreve o que memora do ato, de ser levada a um casebre no meio de uma mata e dos momentos que vivenciou, "Ele me forçou pro chão; montou em mim; desmanchou o nó da gravata (...) passou a gravata pela minha boca, volteou ela uma vez, deu o nó (...) entrou mais forte dentro de mim" Bojunga (2010 p.28 -33).

Talvez pela intenção de narrar uma memória antiga, esta é descrita em flashes, em seguida a protagonista acorda sozinha e é encontrada pelos familiares, mas ao ser questionada já não parecia entender do que se tratava "Todos me faziam

perguntas ao mesmo tempo. Mas sabe a única coisa que eu queria? Comer jabuticaba. (...) eu tinha visto esse homem?" Bojunga (2010 p. 34)

Ao ser questionada ela aparenta não lembrar, ao menos não com clareza do que aconteceu, e a história permanece dentro do campo das construções fantasiosas entre o que aconteceu e o que ela (criança) conhece e entende. No momento em que é encontrada, sofre por uma série de perguntas, que não compreende, nesse momento sua mãe se prostra a zelar pela figura da filha, afastando as pessoas que lhe questionam, seguido esse evento Cristina gera uma distorção dos fatos, lembrando-se de um "homem de água" que lhe deu um "abraço", dando uma conotação carinhosa e diminuta ao que aconteceu, e dessa forma que ela por muito tempo mantém como verdade suportável.

3.2 A ADOLESCIA E DESCOBERTA

De acordo com Lopez (2017 p. 09)

a pesar de algunas limitaciones metodológicas, el abuso sexual en la infancia y la adolescencia es un factor de riesgo de disfunciones interpersonales, que van desde problemas en las relaciones íntimas de pareja hasta disfunciones sexuales y con el rol parental

Alguns desses problemas são retratados, dentro das dificuldades de Cristina em lembrar das coisas que aconteceram, como nas figuras que ela cria em sonho, o estupro que sofre na infância é marcado pelo nome de "Clarice", uma vez dita a menina Cristina durante o abuso, e essa se torna uma espécie de *alter ego* seu. "Eu não pensava acordada no que tinha acontecido, eu só pensava dormindo, quer dizer, sonhando, e quando a gente pensa sonhando o pensamento vira do lado avesso, não é?" Bojunga (2010 p. 37) trata de como essas memórias são obscuras na memória e podem ser simplesmente esquecidas, como no trecho seguinte, "Meses depois o esquecimento era total. Feito coisa que Homem da água nunca tinha passado pela minha vida. Bojunga (2010 p. 44)" ainda assim, o esquecimento do ato não evita as marcas que deixam, no caso de Cristina, seu desgaste imagético e mesmo a confusão do desejo, como veremos.

Bojunga trata das memórias de abuso que ressurgem com algum elemento disruptivo, de maneira que muitas vezes é descrita o rememoração do ato em casos de ASI, segue a narrativa da personagem, que se lembra do que lhe aconteceu ao ver o rosto do seu abusador, "E nessa hora a fazenda de Minas acordou dentro de mim. Com tanta força, que doeu. Doeu! Feito coisa que eu tinha levado uma pancada no peito. O rio, a cara do Homem na água, o barraco fechado, a voz falando no escuro, os sonhos. Em vez da banda tocando, de risada e de palma, do barulho todo do circo, eu só ouvia a voz dele, eu só sentia o peso do corpo dele aqui. (p. 48)" seguido o impacto emocional de rememorar a protagonista sente-se atraída de alguma forma por ele, cercada de uma ambiguidade no sentir, caracteristicamente associado a abusos do gênero "Eu queria conhecer aquele homem melhor. Pra ver se eu entendia por que ele tinha feito àquilo comigo." Bojunga (2010 p. 55)

Nesse momento seu *alter ego* também se manifesta com mais força, como elemento da construção textual para criar diferentes polos, de um lado o estuprador e de outro a garota idealizadas por Cristina, ambas têm uma força de atração sobre a protagonista, mas ocupam espaços opostos por excelência.

Nesse momento Clarice assume a posição dissociativa, buscando expor o seu polo contrário como um violador e agressor, ingenuamente endossado por Cristina. "É pra te mostrar como é que ele abraça quando não esquece, quando não perdoa. (...) pra você nunca perdoar o que te aconteceu aqui neste rio." Bojunga (2010 p.43) "o que importa é que não existe perdão para quem arromba o corpo da gente" Bojunga (2010 p. 64).

3.3 O MULHER ADULTA E O ETERNO DESCONFORTO

Seu *alter ego* assume uma posição essencialmente de luta e confronto, enquanto a protagonista se vê, agora adulta, envolvida de alguma forma pela figura daquele homem, de modo que o texto paira entre a violência e ao mesmo tempo delicadeza, contraponto estético para se tratar de um estupro. Como aduz Saffioti (1999, p. 84) "qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente" e em fato existe um constante confronto interno em tentar compreender o que é sentido e como valorar na vida íntima. A consciência de

ser objeto de violência é a fonte de constante inquietação e angústia e perdura na forma como a vida vai se portar, uma vez que sua existência é testemunho de um crime que lhe viola.

Por fim, seu alter ego discorre sobre o que é sentir ser abusada, comunicando a protagonista, mas intencionalmente forte ao leitor, numa tentativa persuasiva, como podemos ver a seguir:

Então não é criminoso quem arromba uma casa pra se apossar do que tem dentro? e, se é preso, não é condenado? não vai pra cadeia? Mil vezes pior é o criminoso que arromba o meu corpo. Meu, meu! A coisa mais minha que existe; a minha morada verdadeira, do primeiro ao último dia da minha vida, o meu território, o meu santuário, o meu imaginário, o meu pão de cada dia, e ele vai e arromba! Nem disfarça, nem se insinua: entra na marra. Só porque tem mais força. Não, não, desculpa, eu me expressei mal: força é inteligência, força é imaginação, força é saber trincar dente quando a dor é grande, ele entra na marra porque tem mais músculo, e por isso, só por isso, ele me arromba, ele me rasga, ele me humilha (ele sabe que humilhação é a dor que dói mais, e pra qualquer ser que se preze não tem humilhação maior do que ser arrombado assim) e ainda arrisca na saída de me deixar um filho que eu vou ter que arrancar, uma aids que eu nunca mais vou curar. (BOJUNGA, 2010 p.64-65)

Afirma que não importa qual a menina abusada, mas que aceitar é perpetuar o crime e permitir que aconteça com outras. Ela assume a posição de alguém que buscaria a denúncia, ainda sim dentro de uma noção idealista, militante e de confronto, buscando lembrar a natureza do ato e a dimensão que tem na vida de quem sofre. Como trata Bitencourt (2012), quando tratamos do objeto jurídico, estamos lidando diretamente com a liberdade sexual, o direito de escolher com quem teremos um contato íntimo; Materialmente, esse é um direito que abarca qualquer indivíduo independente de sexo, bastando o mero dissenso para gerar efeitos. Outro elemento diz respeito a certa romantização, o que de um ponto de vista literário evidencia uma busca "justificável" para a conjunção carnal, Juridicamente existe uma dissociação da motivação, uma vez que não se trata dos elementos subjetivos, mas sim do fato concreto e hediondo.

4 RESULTADOS

A obra trata de um crime de estupro contra vulnerável que nunca foi denunciado, ao decorrer do trabalho muitos foram os elementos levantados para isso, no caso em questão, uma criança de 8 anos, que não compreendia o que tinha acontecido sofre um abuso, e vive uma série de traumas ao longo de sua vida, a perturbação nos sonhos o esquecimento do ato e os confrontos íntimos, todos cercados de vergonha confusão, como se fosse ainda uma criança sem dimensão do ato. Essa relação estabelecida entre vítima e agressor é ainda de domínio, como se a violentada já a muito não tivesse a autoridade sobre o próprio corpo. Reforçado pelo silêncio da família que reserva à imagem a criança, considerando a situação difícil que é factualmente.

Desse modo, por mais invasivo, nem sempre o estupro se mostra como uma violência óbvia, de acordo com Coulouris (2004 p.6) "O não-consentimento deve ser claro. Serão somente as marcas de violência extremas que podem comprovar sem sombra de dúvidas o não-consentimento da mulher. Se não há grave violência, não há estupro: ou a mulher é vítima e seu comportamento ou as marcas de agressão comprovam sua passividade, ou a mulher é cúmplice de sua própria denúncia." isso é refletido juridicamente, o discurso não pode ser considerado neutro, visto os muitos critérios de diferenciação e de como se baseia em figuras abstratas e abertas como a moralidade. Ainda assim existe um esforço contrário a essa moralização do julgamento, uma vez que o crime de estupro, em geral, não tem testemunhas, a palavra da vítima é reafirmada como elementos probatórios relevantes como podem observar na posição jurisprudencial "A palavra da vítima, em sede de crime de estupro [...] em regra, é elemento de convicção de alta importância, levando-se em conta que estes crimes, geralmente, não têm testemunhas, ou deixam vestígios" (STJ, HC 98.093/SC, Rel. Min. Felix Fischer, 5a Turma, DJ 12.5.2008).

O discurso da obra literária, apesar de não jurídico, oscila dentro dessa dualidade do julgável moral e afetivo social, dando ênfase aos muitos sacrifícios pessoais da vítima, que muitas vezes se perde na tentativa de compreender as razões

do dolo, nos efeitos em seu próprio corpo e outros elementos que ficam a margem do jurisdicional.

De acordo com Brilhante (2019), o estupro tem uma profunda dimensão dentro do imaginário e dos de linguagem, mas exige um esforço de decodificação, uma vez que deixa muitas marcas internas, efeitos físicos e psicológicos que fazem a vítima preferir o esquecimento, como na obra de Bojunga, esse é um crime que se inscreve no silêncio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo fez uma exploração jusliteraria sobre a obra "O Abraço" de Lygia Bojunga Nunes, buscando identificar marcas em sua narrativa que justifiquem o silêncio da vítima de estupro, considerando o baixo número de denúncias, se comparado com as ocorrências.

Trata-se de um conto infanto-juvenil que conta a narrativa de Cristina, garota que sofre um estupro aos 8 anos de idade, a vítima não denuncia o crime, bem como sua família, em seu caso, por questões de moralidade e vergonha, bem como dos traumas que sofre em decorrência do abuso. A narrativa tem um forte apelo a experiência do leitor, criando pontos de diálogo, bem como uma série de eventos cercado por elementos metafóricos, típico ao gênero textual, mas que também abre uma maior margem interpretativa.

A produção literária reflete uma condição real, de vítimas que sofrem por algum transtorno em maior ou menor grau, mas que em todos os casos não desejam reavivar o trauma judicialmente, ou mesmo se expor ao julgamento que existe nesse tipo de causa, pelo medo de serem consideradas vitimistas ou mesmo demonstrar que de alguma forma perderam o poder sobre o próprio corpo. Nesse sentido, o estupro de vulnerável é mantido como uma verdade apagada e suportável, mas que com efeito endossa o agressor e permite a repetição do crime.

Ainda assim a obra busca afirmar a importância da denúncia - apesar de não acontecer na obra - mas questiona a própria moralidade da vítima ao permitir que o abusador continue a fazer outras. O Texto muitas vezes evita o encontro intenso para



tratar do crime (o que consideramos uma forma de trazer conclusões independentes ao leitor), pairando entre elementos suaves e diálogos simples, mas também em momentos clímax que desvelam a mensagem.

Como sugestão a pesquisa futuras cabe outras análises sobre a obra, o conteúdo que aqui teve um enfoque na subnotificação e caracterização do crime, pode ser visto dentro de sua possibilidade de ação, contudo o crime apresenta aberturas na descrição, que geram muitas possibilidades jurídicas, mas também permite um debate rico, mesmo entrando em outros campos como a psicologia, visto a complexidade do tema.

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2013. SÃO PAULO: FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2013. DISPONÍVEL EM:<[HTTP://WWW.FORUMSEGURANCA.ORG.BR/STORAGE/DOWNLOAD//ANUARIO_2013-CORRIGIDO.PDF](http://WWW.FORUMSEGURANCA.ORG.BR/STORAGE/DOWNLOAD//ANUARIO_2013-CORRIGIDO.PDF)>. ACESSADO EM 09/09/2018.

BITENCOURT, CEZAR ROBERTO **TRATADO DE DIREITO PENAL, 4** : DOS CRIMES CONTRA A DIGNIDADE SEXUAL ATÉ DOS CRIMES CONTRA A FÉ PÚBLICA. PARTE ESPECIAL : / CEZAR ROBERTO BITENCOURT. — 6. ED. REV. E AMPL. — SÃO PAULO : SARAIVA, 2012.

BRASIL, **CÓDIGO PENAL**; BRASIL. DECRETO-LEI Nº 2.848, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1940, V. 4, 1940.

_____, SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA, **HC 98.093/SC**, REL. MIN. FELIX FISCHER, 5A TURMA, DJ 12.5.2008.

BOJUNGA, LYGIA, **O ABRAÇO**; CAPA E VINHETAS RUBEM GRILO. - 6.ED. - 2º REIMPR. - RIO DE JANEIRO- CASA LYGIA BOJUNGA. 2010.



BRILHANTE, ALINE VERAS MORAIS ET AL. **CULTURA DO ESTUPRO E VIOLÊNCIA OSTENTAÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA ARTEFACTUALIDADE DO FUNK.** INTERFACE-COMUNICAÇÃO, SAÚDE, EDUCAÇÃO, V. 23, P. E170621, 2019.

COULOURIS, DANIELLA G. **VIOLÊNCIA, GÊNERO E IMPUNIDADE: A CONSTRUÇÃO DA VERDADE NOS CASOS DE ESTUPRO.** TEXTO INTEGRANTE DOS ANAIS DO XVII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA—O LUGAR DA HISTÓRIA. ANPUH/SPUNICAMP. CAMPINAS, V. 6, 2004.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. 11: **ESTUPRO NO BRASIL: UMA RADIOGRAFIA SEGUNDO OS DADOS DA SAÚDE (VERSÃO PRELIMINAR).**BRASÍLIA: IPEA, 2014. P. 30.

FERNANDES, LEONÍSIA MOURA. **TRADUZIR A LÍNGUA DO MEDO PARA SUPERAR A CULTURA DE ESTUPRO.** REVISTA GÊNERO & DIREITO, V. 4, N. 1, 2015.

GIL, ANTÔNIO CARLOS. **COMO ELABORAR PROJETOS DE PESQUISA.** 4 ED. SÃO PAULO: ATLAS, 2002.

LÓPEZ, SÍLVIA ET AL. **IMPACTO DEL ABUSO SEXUAL DURANTE LA INFANCIA- ADOLESCENCIA EN LAS RELACIONES SEXUALES Y AFECTIVAS DE MUJERES ADULTAS.** GACETA SANITARIA, V. 31, P. 210-219, 2017.

MARTINS, CHRISTINE BACCARAT DE GODOY ET AL. **ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: PERFIL DAS VÍTIMAS E AGRESSORES EM MUNICÍPIO DO SUL DO BRASIL.** TEXTO & CONTEXTO-ENFERMAGEM, V. 19, N. 2, P. 246-255, 2010.

MARCONI, MARINA DE ANDRADE; LAKATOS, EVA MARIA. **FUNDAMENTOS DE METODOLOGÍA CIENTÍFICA.** 5. ED.-SÃO PAULO: ATLAS, 2003.



SAFFIOTI, HELEIETH I. B. "JÁ SE METE A COLHER EM BRIGA DE MARIDO E MULHER". IN: SÃO PAULO EM PERSPECTIVA. SÃO PAULO: FUNDAÇÃO SEADE, V. 13, N. 4, OCT./DEC. 1999, PP. 82-91. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://WWW.SEADE.GOV.BR/PRODUTOS/SPP/V13N04/V13N04_08.PDF](http://www.seade.gov.br/PRODUTOS/SPP/V13N04/V13N04_08.PDF)>. ACESSADO EM 20/10/2018.

WHISNANT, REBECCA. **FEMINIST PERSPECTIVES ON RAPE**. THE STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. STANFORD, 2009. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://PLATO.STANFORD.EDU/ENTRIES/FEMINISM-RAPE/](http://plato.stanford.edu/entries/feminism-rape/)>. ACESSADO EM 11/10/2018